

O OLHAR CRUZADO: GÊNERO E RAÇA NA CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE DO SUJEITO COLONIAL EM “*THE NUISANCE*”, DE DORIS LESSING

Isabela Christina do Nascimento SOUSA*
Aldinida MEDEIROS**

■ **RESUMO:** Neste trabalho é proposta a análise do conto “*The nuisance*”, parte da coletânea *African stories* (2014) e, escrito pela autora iraniana Doris Lessing, com o objetivo de mostrar como se constrói a alteridade do sujeito colonial por meio do olhar do narrador, que ocupa a posição de colonizador, buscando expor como o gênero age na construção das diferenças entre o homem e a mulher negra dentro da narrativa. Para o alcance dos objetivos estipulados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, apoiando-se principalmente nos textos de Hooks (2020), Bhabha (1998) e Bahri (2013). Em “*The nuisance*” (2014), o sujeito colonizado é determinado por fora; pelo olhar do Eu colonizador, o narrador lhe atribui características selvagens e o descreve na maioria das vezes por intermédio de comparações com animais. Além disso, seus direitos a nome e sentimentos são negados, reforçando, destarte, o processo de objetificação que sofre durante o processo de colonização. É possível observar, ainda, a valorização da masculinidade e com isso a legitimação da submissão feminina; além de vítima do racismo, a mulher negra é também subjugada cultural e socialmente por conta do seu gênero.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Colonização. Gênero. Alteridade.

Estudos Pós-coloniais e Feminismo

O feminismo inicialmente se diferenciou dos outros movimentos sociais por produzir sua própria teoria e reflexão crítica. Segundo Pinto (2010), isso se deve ao tipo de militante responsável por impulsionar o movimento, em sua maioria mulheres

* Doutoranda em Literatura e Interculturalidade. UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. Departamento de Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade. Campina Grande – PB – Brasil. 58429-570 – isabela.sousa@aluno.uepb.edu.br.

** UEPB – Universidade Estadual da Paraíba – Centro de Humanidades – Departamento de Letras. Guarabira – PB – Brasil. 58200-000 – aldinidamedeiros@gmail.com.

acadêmicas, de classe média e educadas principalmente nas áreas das humanidades. Ao longo das décadas, o movimento se tornou plural e suas ramificações buscaram reivindicar mudanças sociais e culturais que punissem e impedissem a violação dos direitos de diferentes grupos de mulheres, reconhecendo que não poderiam traduzir todos os anseios nas pautas que, até então, surgiam das necessidades de mulheres heterossexuais, brancas, de classe média a alta. Para dar visibilidade aos problemas enfrentados pelas mulheres negras, surge, na década de 1970, o Feminismo Negro (*Black feminism*) nos Estados Unidos, e, em 1980, a jurista Kimberly Crenshaw firma o uso do termo **interseccionalidade**, que diz respeito à maneira como as relações de poder se cruzam na sociedade e como esses cruzamentos afetam a vida de pessoas que fazem parte de grupos postos em situação de desvantagem (GOMES, 2020). Ou seja, uma mulher negra é posta em relação de submissão não só aos brancos, mas também ao homem negro, e ela não enfrenta esses problemas isoladamente, mas vive suas intersecções.

Além do Feminismo Negro, outra corrente crítica que aborda as questões feministas que dizem respeito a mulheres negras é o feminismo pós-colonial. Jonathan Culler (2009) se refere à teoria Pós-colonial como um conjunto de questões teóricas que procuram meios de compreender os problemas postos pela colonização europeia, assim como suas consequências. Essa crítica busca intervir nos discursos ideológicos da modernidade que se apoiam em um discurso homogeneizador, buscando trazer à superfície as narrativas diferenciadas das nações, raças, comunidades e povos irregulares que resistem ao apagamento de suas diferenças (BHABHA, 1998).

A corrente feminista, então, buscou, por meio de ideias difundidas pelos estudos pós-coloniais, enxergar como os problemas ligados ao gênero se relacionam com o discurso colonial. Essa vertente tem possibilitado a releitura de obras literárias, revelando como o sujeito se constrói dentro do discurso colonial por intermédio da articulação das formas da diferença racial e de gênero. Como explica Bahri (2013, p. 660), “[u]ma perspectiva feminista pós-colonial exige que se aprenda a ler representações literárias de mulheres levando em conta tanto o sujeito quanto o meio de representação”. Temas como voz, marginalidade e a relação entre política e literatura estão dentro do escopo dessa vertente de estudo. Essa perspectiva questiona a academia de pensamento ocidental quanto ao tratamento da mulher do terceiro mundo como o Outro:

Postcolonial feminism challenges traditional white western feminism for the latter's association with political liberation movements. Women around the world have very different histories with respect to their postcolonial inheritance, involving such experiences as imperial conquest, slavery, enforced migration, and even genocide. Thus, postcolonial feminists have argued for the rewriting of

*history based on the specific experiences of formerly colonized people, and their various strategies for survival.*¹ (NAVARRO TEJERO, 2013, p. 255).

Alguns dos principais conceitos em discussão são: a **representação**, que se trata de um termo de múltiplos sentidos, podendo significar “presença bem como reprodução, semelhança, a formação de uma ideia na mente ou mesmo a presença por representação no sentido político de um ‘falar por’” (BAHRI, 2013, p. 665); o **essencialismo**, categoria que precisa ser analisada quando é utilizada para a descrição de coletividades; e **mulher do terceiro mundo**, que reivindica o direito das mulheres de países fora do centro de poder de falar por si mesmas. No campo da literatura, as discussões expostas pelo feminismo pós-colonial nos permitem, então, perscrutar como são representadas as mulheres negras em posição de colonizadas, como veremos neste estudo do conto “*The nuisance*”.

Sobre a autora e a obra

Nascida na antiga Pérsia, atual Irã, em 1919, Doris Lessing viveu a maior parte da juventude na Rodésia do Sul, hoje Zimbábue, e se mudou em 1949 para Londres para se dedicar à carreira de escritora profissional. Lá, publicou inúmeros livros, tornando sua obra, além de extensa, bastante diversificada. Em 2007, quando já colecionava inúmeros prêmios, foi contemplada com o Nobel de Literatura ao ser descrita como a escritora da épica da experiência feminina. Entre suas obras mais aclamadas estão os romances *The Grass is Singing* (1950) e *The Golden Notebook* (1962). O conto trabalhado neste artigo faz parte de uma coletânea intitulada *This was the old chief's country*, publicado pela primeira vez em 1951 e reimpresso diversas vezes com o título de *African stories*, compilação ainda não traduzida no Brasil. A edição utilizada neste estudo se chama *African stories* e foi publicada em 2014. Todos os contos têm em comum a temática das relações entre colonos e nativos no cenário africano.

O conto analisado chama-se “*The nuisance*” (2014). A palavra *nuisance* é um substantivo que em português pode significar: o aborrecimento; o incômodo; o inconveniente. A curta história enfoca um nativo que é admirado por suas aptidões no trabalho, mas ridicularizado por seus problemas com suas mulheres, em especial a primeira mulher, descrita como velha e feia. Ele sonha em se livrar dela, pede ajuda ao dono da fazenda para convencê-la a voltar para sua aldeia de origem, mas

¹ “O feminismo pós-colonial desafia o feminismo ocidental tradicional pela associação deste com os movimentos de libertação política. As mulheres do mundo têm histórias bem diferentes que dizem respeito à sua herança pós-colonial, envolvendo experiências como conquista imperial, escravidão, migração forçada e até mesmo genocídio. Assim, feministas pós-coloniais reivindicam a reescritura da história baseada na experiência específica de pessoas anteriormente colonizadas e suas várias estratégias de sobrevivência.” (Tradução nossa).

sem sucesso. Ademais, não obtém apoio das duas esposas mais jovens, que gostam de ter a mais velha para se encarregar do serviço doméstico. Repentinamente, a mulher mais velha some, o marido diz que ela se foi, mas semanas depois o corpo é encontrado no poço da aldeia. Por ser uma mulher negra, as circunstâncias de sua morte são ignoradas e a vida na fazenda segue normalmente seu curso.

O trabalho aqui apresentado foi construído através de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Partindo de uma leitura crítica do conto “*The nuisance*”, propomos analisar como é construído o sujeito colonial, colonizador e colonizado, por meio do discurso do narrador do conto e, igualmente, como as relações de gênero dentro desse discurso constitui/reflete estruturas de poder responsáveis por reservar à mulher negra um lugar de inferioridade em relação ao homem negro.

Construção da alteridade colonial em “*The nuisance*”

O conto “*The nuisance*” é narrado em primeira pessoa por alguém que reconta uma história ocorrida na fazenda de seu pai, onde ele pouco se envolve em ações. O narrador do conto é um fazendeiro branco, possivelmente ganhando a vida em alguma colônia britânica instaurada naquele país. É importante pontuar que toda informação que o texto traz sobre os nativos passa pelo modo como o narrador lhes percebe, isto é, todas as personagens são caracterizadas a partir da posição de sujeito que o narrador ocupa: homem branco colonizador. Isso faz com que os homens nativos sejam colocados em posições inferiores de poder e as mulheres nativas em uma posição ainda mais desprovida de poder.

Os nativos, no texto, são conhecidos por alcunhas relacionadas às suas características físicas, como o trabalhador/pessoa escravizada que protagoniza a história e é conhecido como o Comprido, *The long one* no original; sua esposa mais velha é referida como a Vesga, *The cross-eyed one*. Além do apelido, às vezes os nativos ganhavam descrições para diferenciá-los uns dos outros, elas deveriam sumarizar o que aquele nativo ofereceria à fazenda. Dessa forma, *The long one* era reconhecido como: “*He knows how to handle oxen, but he can’t handle his women.*”² (LESSING, 2014, p. 98). Essa diferenciação refletia, ao mesmo tempo, a exaltação de características masculinas (força, coragem, determinação), que faziam dele um trabalhador admirado na fazenda, e o questionamento da sua masculinidade pela inaptidão para manter as suas esposas sob seu controle.

Os nativos, portanto, ganham rótulos e não nomes. Essa é uma das estratégias de desumanização utilizadas pelo sistema colonial: nomes são dados aos seres humanos; rótulos, aos objetos. A ausência do nome é também uma forma de o narrador sustentar a distância entre o Eu colonizador e o Outro colonizado: “*We gave our natives labels such as that, since it was impossible ever to know them*

² “Ele sabe como lidar com gado, mas não consegue lidar com suas mulheres.” (Tradução nossa).

as their fellows knew them, in the round.”³ (LESSING, 2014, p. 98). Assim, o colonizador convivia com os colonizados africanos sem, no entanto, se colocar em uma posição de igualdade.

O discurso colonial sempre se preocupou em destruir os traços de humanidade do povo negro para que este aceitasse mais facilmente a imposição da identidade de escravo. Como lembra Bell Hooks (2020), a destruição da dignidade humana, a remoção de nomes e status, a dispersão dos grupos e línguas eram maneiras utilizadas nas colônias para preparar os escravos para o mercado. Embora a realidade que Hooks trata em seu texto seja outra – ela fala sobre as treze colônias norte-americanas no período colonial –, os métodos utilizados pelo sistema colonial pouco diferiram de um lugar para o outro, mesmo na África, onde o povo negro foi colonizado em sua própria terra. Os africanos tiveram de lidar com essa despersonalização para se enquadrarem na imagem de selvagem que os colonizadores lhes impuseram. Afinal, essa era uma das mais recorrentes justificativas das quais as metrópoles se valiam para dominar aquelas terras e subjugar seus habitantes, eles estavam incumbidos de guiá-los num processo civilizador.

O narrador-colonizador nos descreve os nativos comparando-os com animais, como ao descrever as mulheres da aldeia: “[...] *their shrill laughter and chattering sounded through the trees as if one might suddenly have come on a flock of brilliant noisy parrots.*”⁴ (LESSING, 2014, p. 96); ou ainda por intermédio de características bestializadas: “*Then he would use his whip, grunting savagely as the lash cut down into flesh, his tongue stuck calculatingly between his teeth as he measured the exact weight of the blow.*”⁵ (LESSING, 2014, p. 98).

Essas passagens evocam o estereótipo de selvagem atribuído aos negros; como afirma Bhabha (1998), o estereótipo é uma forma de construção de conhecimento e de identificação que oscila entre algo que precisa ser repetido e algo que está sempre no lugar já conhecido. A fixidez ideológica da alteridade é um dos aspectos mais importantes para a manutenção do discurso pós-colonial, ou seja, para que o Eu continue Eu, é preciso que o Outro permaneça em seu lugar, dado que é na distância entre eles que se inscreve a alteridade: “Não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial – o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro” (BHABHA, 1998, 76). A alteridade da pessoa escravizada é, então,

³ “Demos aos nossos nativos rótulos como esses, já que era impossível conhecê-los como seus companheiros os conheciam, em seus círculos.” (Tradução nossa).

⁴ “[...] suas tagarelices e risadas estridentes soavam por entre as árvores como se alguém tivesse se deparado de repente com um bando de papagaios brilhantes e barulhentos.” (Tradução nossa).

⁵ “Então ele usaria seu chicote, grunhindo selvagememente enquanto a chibata cortava a carne, sua língua presa calculadamente entre os dentes enquanto ele media o impacto exato da pancada.” (Tradução nossa).

construída em torno de sua objetificação e dependência do colonizador. **Alteridade** é um termo que na filosofia foi utilizado como uma alternativa a **outridade** para marcar a mudança da percepção ocidental da relação entre a consciência e o mundo (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2007). Isso transforma a ideia de subjetividade, que não mais depende de si mesma, mas está intrinsecamente ligada ao Outro:

*In post-colonial theory, the term has often been used interchangeably with otherness and difference. However, the distinction that initially held between otherness and alterity – that between otherness as a philosophic problem and otherness as a feature of a material and discursive location – is peculiarly applicable to post-colonial discourse. The self-identity of the colonizing subject, indeed the identity of imperial culture, is inextricable from the alterity of colonized others, an alterity determined, according to Spivak, by a process of **othering**⁶. (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2007, p. 9-10, grifo do autor)*

Em alguns momentos, o narrador aproxima *The long one* do seu pai na condição de homem, como em: “*He used to come up to the house to discuss with my father, **man to man**, how the youngest wife was flirting with the bossy-boy from the neighbouring compound, six miles off [...]*” (LESSING, 2014, p. 98, grifo nosso). Embora o narrador o descreva como **homem** quando vai pedir conselhos ao seu pai, logo essa equiparação é desfeita na reprodução da fala do pai: “*That man is a natural-born comedian. He would have been on the stage if he had been born another colour.*”⁸ (LESSING, 2014, p. 99). O fazendeiro e o nativo estão, assim, situados em posições distintas do discurso colonial. Mesmo que ambos sejam descritos como homens, o homem colonizador está hierarquicamente acima do homem colonizado. O *status* de homem negro não é o suficiente para que seu problema seja tratado com seriedade pelo patrão, que debochava dele, nem o bastante para que ele pudesse ser um comediante, já que o palco não é um espaço

⁶ “Na teoria pós-colonial, o termo foi costumeiramente utilizado de forma intercambiável com outridade e diferença. Entretanto, a distinção que inicialmente separava outridade de alteridade – outridade como um problema filosófico e outridade como característica de localização material e discursiva – é peculiarmente aplicável ao discurso pós-colonial. A construção identitária do sujeito colonizador, a identidade da cultura imperial de fato, é indissociável da alteridade dos outros colonizados, uma alteridade determinada, de acordo com Spivak, por um processo de **outrificação**.” (Tradução nossa).

⁷ “Ele costumava vir até a casa para discutir com meu pai, de homem para homem, como sua esposa mais nova estava flertando com jovem patrão do complexo vizinho, seis milhas de distância.” (Tradução nossa).

⁸ “Esse homem é um comediante nato. Estaria num palco se tivesse nascido de outra cor.” (Tradução nossa).

para um homem negro, pois a cor da pele fixa o sujeito colonizado na posição de trabalhador/pessoa escravizada das fazendas britânicas na África. Apesar de não estar em posição de igualdade com o fazendeiro e seu filho narrador, *The long one* ocupava um lugar de destaque na fazenda, que o afastava dos outros nativos por meio de suas características masculinas de força, determinação e orgulho: “*He would play up to my father’s appreciation of the comic, but he would never play the ape, as some Africans did, for our amusement.*” (LESSING, 2014, p. 99). Assim, podemos perceber que a personagem *The long one* é situada em uma posição hierárquica acima de outros trabalhadores da fazenda, visto que possui características admiradas que lhe concedem esse local de admiração, sem, no entanto, se igualar aos donos da fazenda. Essa fixidez de posições hierárquicas do sujeito colonial é condição que sustenta a estrutura de poder da colonialidade.

O discurso colonial não é responsável somente pela construção do estereótipo do colonizado; da mesma forma, a alteridade do colonizador é construída de maneira dialética para ser inserida estrategicamente no interior do discurso. Como aponta Fanon (2008), não é só o negro fechado em sua negrura, já que, conjuntamente, o branco está preso em sua brancura. O processo de identificação que o sujeito colonial atravessa está além de seu controle, pois a identidade não é algo *a priori*, mas é determinada por fora e se constrói ao se relacionar com a imagem de identidade que lhe é imposta:

[...] a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. (BHABHA, 1998, p. 76, grifo do autor)

O Eu e o Outro colonial são interdependentes e, por isso, “[é] sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado”, escreve Bhabha (1998, p. 76). O texto nos mostra essa relação de dependência em diversas passagens em que o discurso do narrador reforça a distância entre o Eu/fazendeiro/colonizador e o Outro/pessoa escravizada/colonizado. Em um desses momentos, o narrador e seu pai, ao considerar, mesmo que por um instante, a hipótese de suicídio da esposa de *The long one*, sentem-se incomodados. A ideia de que aqueles nativos escravizados pudessem possuir algum tipo de sentimento causava desconforto na medida em que encurtava a distância entre eles; como seres objetificados, os nativos não poderiam ter sentimentos, posto que sentimentos humanizam. Como se fazê-los cogitar a ideia de que os nativos também sentissem medo, tristeza, emoções humanizadoras,

⁹ “Ele se enquadraria no estilo cômico que meu pai apreciava, mas ele nunca bancaria o macaco, como alguns africanos faziam, para nossa diversão.” (Tradução nossa).

fosse uma tentativa de violação das relações de poder instituídas: “*Later, we talked about the thing, saying how odd it was that natives should commit suicide; it seemed almost like an impertinence, as if they were claiming to have the same delicate feelings as ours.*”¹⁰ (LESSING, 2014, p. 102).

Assim, para que a relação de poder do homem branco sobre o homem negro seja legitimada, é preciso que a concepção do homem negro continue sendo a do selvagem, não civilizado, que necessita de quem o guie em direção à civilidade. Sem esse Outro do discurso colonial, a identidade do Eu colonizador não se sustenta.

Interseccionalidade de gênero e raça na construção da subjetividade colonial

O conto *The nuisance* lida com a problemática de uma mulher que se encontra infeliz e amargurada com seu casamento. Assim como as demais personagens africanas do conto, ela é nomeada por suas características físicas, sendo assim, é conhecida como *The cross-eyed one*, por ter o olhar torto, ou seja, ser vesga. Ela é a esposa mais velha de *The long one*, embora este reclame do comportamento das duas esposas mais jovens, é a mais velha que representa o verdadeiro incômodo para o marido, fazendo com que ele insista que ela retorne para sua aldeia, chegando a pedir que o fazendeiro o ajude a convencê-la a partir.

A atitude do nativo diante da esposa mostra o caráter de objeto que a esposa assume dentro das relações matrimônias; ele deseja devolvê-la como se fosse um objeto que apresentou defeito. Na estrutura hierárquica, a mulher negra ocupa a posição mais baixa. Esse é um dos aspectos da ordem social trazida pelos colonizadores europeus e, segundo Hooks (2020), teve um impacto tão grande na vida das mulheres escravizadas quanto o racismo.

Percebe-se, no texto, a valorização da masculinidade, pois *The long one*, mesmo em sua condição de submisso, é admirado até mesmo pelos fazendeiros: “*He’s a man, that native. One must respect him, after all.*”¹¹ (LESSING, 2014, p. 97-98). Ele deve ser respeitado, pois é, de fato, a personificação das qualidades consideradas masculinas: *The long one* é forte, viril, vigoroso, causando receio, admiração e desejo por parte das mulheres. Todavia, *The long one* se torna motivo de piadas sempre que suas esposas são evocadas.

Dentre as esposas, *The cross-eyed one* é aquela que assume a função de dona de casa, cozinhando e cuidando das crianças, e, por essa razão, *The long one* não recebe apoio das outras duas esposas quando insiste em devolvê-la para seu povo. Por sua vez, *The cross-eyed one* está insatisfeita e como forma de insubmissão

¹⁰ “Depois, conversamos sobre aquilo, dizendo o quão estranho era que os nativos pudessem cometer suicídio; parecia quase uma impertinência, como se eles estivessem reivindicando ter os mesmos sentimentos delicados que nós.” (Tradução nossa).

¹¹ “É um homem, aquele nativo. Apesar de tudo, deve-se respeitá-lo.” (Tradução nossa).

reclama, resmungando, estragando a comida do marido e não aceitando ir embora. O narrador a compara com uma pulga: “*A nagging woman in your house was like having a flea on your body; you could scratch but it always moved to another place, and there was no peace till you killed it.*”¹² (LESSING, 2014, p. 99). A símile, além de caracterizar a mulher como um ser insignificante capaz de causar grande incômodo, também funciona como prenúncio do fim da personagem, que, estando velha e de aparência desagradável para o marido, não tem mais utilidade. *The long one* é uma personagem altamente orgulhosa de suas habilidades, gosta da admiração que recebe. A aniquilação da mulher é também uma forma de proteção de sua masculinidade, acabando com a insubmissão da esposa descartável.

Embora o corpo encontrado em pedaços permita deduzir que o marido assassinou *The cross-eyed one*, o ato não é punido. O nativo escravizado, ao contrário de suas esposas, é valioso para os fazendeiros, pois oferece força de trabalho oriunda dos atributos de sua masculinidade: “No período colonial, assim como na contemporaneidade, a masculinidade denotava atributos de força, virilidade, vigor e proeza física. Era precisamente a ‘masculinidade’ do homem africano que o escravizador branco pretendia explorar” (HOOKS, 2020, p. 45-46). Então, é acordado que ela teria caído acidentalmente no poço ou até mesmo cometido suicídio. Como explica Hooks (2020), o sexismo institucionalizado, que esteve também presente durante o período colonial, protege a masculinidade do homem negro ao mesmo tempo em que legitima socialmente a exploração da mulher negra.

Considerações finais

Através da análise crítica do texto, foi possível concluir que o sujeito colonial é determinado por fora, por meio do olhar do colonizador. A alteridade do homem negro escravizado é construída por intermédio da objetificação e desumanização, de forma a legitimar a diferença entre ele e o colonizador, assim como a sua dominação pelo segundo. O nativo é destituído de individualidade, inscrito no discurso colonial como um animal selvagem, desempossado de nomes e qualquer outro *status* que lhe concedesse a condição de humanidade. Por sua vez, o homem branco, assumindo a condição de Eu colonizador, também é fixado no discurso colonial, que se constrói na distância entre ele e o seu Outro, o colonizado.

A mulher negra, enquanto sujeito colonial e pós-colonial, passa pelo mesmo processo de despersonalização, porém ocupa uma posição inferior à do homem negro, derivada da valorização da masculinidade e desvalorização dos atributos e

¹² “Uma mulher sempre atormentando em sua casa era como ter uma pulga em seu corpo; você poderia coçar, mas sempre se moveria para outro lugar e não haveria paz até que você a matasse.” (Tradução nossa).

trabalho femininos. Logo, o sexismo institucionalizado no sistema colonial protege a sexualidade do homem negro, ao mesmo tempo em que legitima mecanismos de submissão da mulher negra. Essa estrutura de poder é posta em evidência e questionada pelos estudos feministas pós-coloniais.

SOUSA, I. C. N.; MEDEIROS, A. The crossed gaze: gender and race in the construction of the otherness of the colonial subject in “The nuisance” by Doris Lessing. *Itinerários*, Araraquara, n. 53, p. 53-63, jul./dez. 2021

■ **ABSTRACT:** *This study has as its purpose the analysis of the short story “The nuisance”, part of the collection African Stories (2014), written by the Iranian author Doris Lessing. Its goal is to show how colonial subject alterity is constructed through the gaze of the narrator, who occupies the position of the colonizer, seeking to explore how gender acts in the construction of differences between black men and women inside the narrative. In order to achieve the established goals, bibliographic research was conducted, especially sustained by the works of Hooks (2020), Bhabha (1998), and Bahri (2013). In “The nuisance” (2014), the colonial subject is determined from the outside, through the gaze of the colonizing Self; the narrator ascribes to him wild features and describes him most of the time through comparisons with animals. Furthermore, the denial of the rights of name and feelings reinforces, therefore, the process of objectification, which they are subject to during the process of colonization. In addition, it is also possible to observe the valorization of masculinity and thus the legitimation of feminine submission; besides being the victims of racism, black women are also culturally and socially subjugated for their gender.*

■ **KEYWORDS:** *Colonization. Gender. Alterity.*

REFERÊNCIAS

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **Postcolonial studies: the key concepts**. 2. ed. London: Routledge, 2007.

BAHRI, D. Feminismo e/no pós-colonialismo. **Estudos feministas**. Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 659-688, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200018/25791>. Acesso em: 28 dez. 2014.

BHABHA, H. K. **O Local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CULLER, J. **Teoria Literária: Uma Introdução**. Tradução de Sandra G. T. Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 2009.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

GOMES, P. O. **Gênero e interseccionalidades**. Salvador: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Tradução de Bhuvli Libanio. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020 [1982].

LESSING, D. The Nuisance. In: LESSING, D. **African Stories**. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2014 [1952]. p. 96-102.

NAVARRO TEJERO, A. Postcolonial feminism: teaching how to avoid prejudices about muslim women in an esl classroom. In: GARCÍA RODRIGUES, L.; ROLDÁN TAPIA, A. R. (coord.). **Relaciones interculturales en la diversidad**. Córdoba: Universidad de Córdoba; Cátedra Intercultural, 2013. p. 253-260.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782010000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 28 dez. 2014.

